



NOME: _____ ANO: 9º TURMA: _____

PROFESSORA: Maria Izabel Escano DISCIPLINA: História da Arte DATA: 29/09/2023

ARTE BRASILEIRA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Em decorrência das diversas mudanças sociais ocorridas no século XX, a sociedade brasileira tornou-se mais complexa e a arte viveu um período de transformação. Nesse contexto, os artistas visuais construíram caminhos que levaram a novas e variadas direções. Inicialmente, alguns pintores ligaram-se ao Abstracionismo, e outros, ao Concretismo. Mas as produções de muitos desses artistas ultrapassaram as adesões iniciais a este ou àquele movimento artístico, abrindo espaço para a experimentação de técnicas e materiais. Na escultura, a renovação também foi grande e provocada principalmente por dois fatores: a diversidade dos materiais empregados e a investigação da relação da obra com o espaço expositivo – que levaria à concepção da ideia de instalação, fundamental para a arte contemporânea.

Abstracionismo

Esse movimento, ligado à estética não figurativa, manifestou-se em nosso país sobretudo nos trabalhos de alguns artistas japoneses que se radicaram no Brasil entre as décadas de 1930 e 1960. Os mais conhecidos desse grupo são Manabu Mabe (1924-1997) e Tomie Ohtake (1913-2015).

Concretismo e Neoconcretismo

A expressão “arte concreta” foi criada em 1930 pelo artista holandês Theo van Doesburg (1883-1931). Essa expressão não era usada para indicar um movimento estético oposto ao da arte abstrata, ao contrário, designava a tendência artística que surgiu como desdobramento do Abstracionismo.

Para Van Doesburg, não havia sentido em chamar de arte abstrata obras que não eram figurativas, isto é, que não imitavam os seres da natureza. De acordo com ele, qualquer ser da natureza – um animal, uma árvore –, quando pintado, passa a ser uma abstração. Em contrapartida, os artistas que trabalhavam apenas com elementos plásticos na verdade faziam “uma pintura concreta e não abstrata, porque nada mais concreto, mais real que uma linha, uma cor, uma superfície”. Apesar disso, a expressão “arte abstrata” prevaleceu na terminologia da maior parte dos artistas e críticos para indicar obras não figurativas.

A distinção entre Abstracionismo e Concretismo foi feita em 1936 pelo artista suíço Max Bill (1908-1994), que “emprega a expressão ‘arte concreta’ para designar uma arte construída objetivamente e em estreita ligação matemática”

A participação e premiação de Max Bill na 1ª- Bienal de Arte de São Paulo, em 1951, ao lado de outros artistas suíços, deu fôlego ao movimento concretista que começava a surgir no Brasil. A obra de sua autoria, Unidade tripartida, encontra-se no acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Depois da 1ª- Bienal, os concretistas brasileiros dividiram-se em dois grupos principais: o Grupo Ruptura, de São Paulo, e o Grupo Frente, do Rio de Janeiro. No grupo de São Paulo, os artistas preocupavam-se mais com os princípios matemáticos da arte concreta e a visualidade das formas, além de explorarem as possibilidades do movimento como efeito óptico. Entre outros, fizeram parte desse grupo Waldemar Cordeiro (1925-1973), Luiz Sacilotto (1924-2003), Hermelindo Fiaminghi (1920--2004), Lothar Charoux (1912-1987) e Geraldo de Barros (1923-1998).

No grupo do Rio de Janeiro, os artistas eram menos dogmáticos quanto à linguagem geométrica do Concretismo, pois não a consideravam “um ponto de chegada, mas sim um campo aberto à experiência e à indagação”. Seus principais representantes foram Lygia Clark (1920-1988), Hélio Oiticica (1937-1980), Ivan Serpa (1923-1973), Abraham Palatnik (1928-), Franz Weissmann (1911-2005) e Lygia Pape (1927-2004).

Em 1959, Franz Weissmann, Lygia Clark e Lygia Pape reuniram-se com Amilcar de Castro (1920-2002), Ferreira Gullar (1930-2016), Reynaldo Jardim (1926-2011) e Theon Spanudis (1915-1986) para lançar o Manifesto Neoconcreto, em que defendiam a liberdade de experimentação e a valorização da subjetividade na produção artística. Esse manifesto inaugurou o movimento neoconcretista, considerado um marco na história da arte brasileira por abrir espaço para novos caminhos de pesquisa artística, que culminariam no desenvolvimento de obras mais questionadoras e livres de rótulos.

Arte pós-1960

O Neoconcretismo, surgido entre o final dos anos 1950 e o começo dos anos 1960, anunciava o início da arte contemporânea brasileira, pois esse movimento foi marcado principalmente pela negação de suportes e espaços tradicionais da arte e pelo estímulo à interação do público com as obras. Ainda na década de 1960, partindo dessa busca por uma arte mais próxima do espectador, a Arte conceitual ganhou terreno no Brasil com obras que tinham as ideias como eixo central, em detrimento dos aspectos formais.

O que importava naquele momento era, portanto, o conceito e a linguagem, e não a execução técnica. A partir disso, os artistas começaram a criar performances, happenings, instalações e outros meios de expressão, introduzindo novas concepções estéticas, os quais entendiam ser necessários para o momento artístico, político e social pelo qual o país passava.

Em sintonia com a arte internacional, os artistas brasileiros firmaram no país diversas formas de expressão que tornaram a arte um modo de atuação política e social. Essa característica ganhou força em um período de forte censura às manifestações artísticas, consequência do regime militar (1964-1985), quando o enfrentamento, a crítica e a reflexão obrigavam muitos artistas a sair dos lugares próprios de exposição e tomar os espaços públicos e os meios de comunicação para manifestar suas ideias.

Desde então, os artistas brasileiros vêm trilhando caminhos cada vez mais diversos, utilizando novos materiais e experimentando a grande variedade de linguagens que caracterizam a arte contemporânea. Os temas políticos que afetam a vida das pessoas no país, como racismo, feminismo, desigualdade social e violência, tornam-se presentes nas obras artísticas.

Assim, com a globalização, a proliferação dos meios de comunicação e os avanços tecnológicos em ritmo acelerado, a arte brasileira contemporânea convida o espectador à reflexão, a sair de uma atitude passiva, de contemplação e admiração, para assumir uma postura ativa no pensamento e na construção da sociedade e da própria arte.

Ativismo

Na arte contemporânea, grande parte dos artistas mantém, por meio de seus trabalhos, posturas ativistas e engajadas em relação a uma pluralidade de causas políticas e sociais. O ativismo não é uma vertente expressiva ou uma categoria específica da arte contemporânea, mas uma forte tendência temática e de posicionamento crítico. Ao utilizarem múltiplas linguagens e diversos tipos de suporte e material, esses artistas promovem debates na contemporaneidade.